

REPOSITÓRIO DE PRODUÇÕES



TÍTULO

Mais uma volta pelo Museu das Memórias (In)Possíveis

AGENTE PRODUTOR

Gerson Smiech Pinho

DESCRIÇÃO DO RECURSO

Mais uma volta pelo Museu das Memórias (In)Possíveis

Por Gerson Smiech Pinho (*)

Publicado no Sul 21, em 1 de junho de 2021. Disponível em:

<https://sul21.com.br/noticias/2021/06/mais-uma-volta-pelo-museu-das-memorias-inp-ossiveis/>

Ao transitar através das galerias virtuais, somos surpreendidos a todo instante – os mais diversos testemunhos encontram-se reunidos, com cuidado e delicadeza, em forma de textos, áudios, fotos e vídeos. Cada coleção documentada comove ao mesmo tempo que perturba. Tal é a experiência de quem se movimenta em meio ao acervo do Museu das Memórias (In)Possíveis do Instituto APPOA, inaugurado no último dia 22 de maio, e que já foi tema dessa coluna. Ainda que mais de duas semanas tenham transcorrido desde lá, as impressões deixadas pelo evento de abertura e pela exploração das galerias do Museu seguem reverberando.

Se o vocábulo museu reporta ao “templo das musas” – divindades que zelavam pelas ciências e pelas artes na mitologia grega – os corredores virtuais do Museu do Instituto APPOA ampliam o sentido do termo e direcionam-se em direção a passagens e paisagens bastante diversas. Ali, não se trata do registro oficial de grandes acontecimentos históricos ou de personagens ilustres, membros de elites ou detentores do poder. Ao contrário, o Museu das Memórias (In)Possíveis destina seu espaço àqueles que não têm lugar garantido na escrita da história. Em seu acervo, encontram-se abrigados vestígios e narrativas de vidas que transitam pelas margens, as quais são sistematicamente silenciadas e ignoradas.

Afinal de contas, habitamos um país no qual uma parcela expressiva da população encontra-se em situação de exclusão, sem reconhecimento enquanto agentes de discurso, relegados ao silêncio e ao esquecimento. Conjuntura herdada da hostilidade e da rejeição que, em um passado ainda recente, eram endereçadas sobretudo à massa de pessoas escravizadas. Cenário de violência que segue sendo replicado e perpetuado, fragilizando e rompendo laços simbólicos – situação a qual são submetidos aqueles que vivem às margens, independente da cor da pele, a despeito de que a grande maioria ainda seja negra.

O filósofo camaronês Achille Mbembe estabeleceu o termo necropolítica para se referir à deliberação sobre quem pode viver e quem deve morrer, quais vidas importam e quais não importam. Trata-se de um dispositivo endereçado à massa humana que habita a periferia do capitalismo, em situação de exclusão econômica e social – população considerada supérflua e descartável. O caráter mortífero da necropolítica não concerne somente a um projeto de normalização dos corpos fora da ordem, mas de seu extermínio. Nada mais atual, na conjuntura que experimentamos no Brasil de nossos dias.

Nesse contexto, o Museu das Memórias (*In*)Possíveis abre espaço para o registro de narrativas traumáticas e de memórias ignoradas no âmbito do discurso social hegemônico. Enquanto navegamos por suas galerias, tornamo-nos testemunhas de situações de violência e de sofrimento sistematicamente silenciadas e esquecidas. Encontramo-nos, por exemplo, com comunidades obrigadas a deixar os lugares que habitam, como é o caso de Belo Monte ou da Vila Chocolate; ou com os efeitos da Ditadura Militar ou, ainda, com os rastros deixados por uma guerra. As palavras e imagens ali musealizadas contêm preciosos registros simbólicos que, quando descobertos, proporcionam excursões por paisagens tão árduas quanto inusuais, ocultas ao olhar regular de nosso cotidiano.

Desse modo, o Museu do Instituto APPOA intervém para dar lugar a vozes silenciadas, tornando possível um espaço de inscrição para existências costumeiramente invisibilizadas, habitantes das margens do laço social. Tal projeto emerge como uma zona de ruptura, como uma estratégia de resistência no interior de um sistema perverso.

Nos tempos sombrios em que estamos imersos, observa-se um incremento do ódio, da violência e da intolerância; um apreço pelo pensamento raso e simplificador, que desvaloriza a memória e se orgulha por rechaçar e distorcer a história. Nesse contexto, temos muito a comemorar e a festejar com a inauguração do Museu das Memórias (*In*)Possíveis – espaço que permite encontrar uma porção de ar para respirar e tomar fôlego frente a uma conjuntura que insiste na asfixia e no >embrutecimento.

(*) Psicanalista, Membro da APPOA e do Centro Lydia Coriat



[Notícias](#) | 1 de junho de 2021 | 10:23

Mais uma volta pelo Museu das Memórias (In)Possíveis

Gerson Smiech Pinho () Ao transitar através das galerias virtuais, somos surpreendidos a todo instante – os mais diversos testemunhos encontram-se reunidos, com cuidado e delicadeza, em forma de textos, áudios, fotos e vídeos. Cada coleção documentada comove ao mesmo tempo que perturba. Tal é a experiência de quem se movimenta em meio ao acervo [...]*

Por



Notícias

Cu

Eco

Ed

Ent

Ge

Inte

Me

Am

Por

Sa

Opinião

Especia

Web
Stories



20210531-museuappoa


Compartilhe

Matérias relacionadas

 Política Rivier cada sobre

 Cultura Nost com Sent

 Gera de P alerta nesta

 Gera entid sobre de pa facha

 Meio Jane mês

Podcast

Instituc

O

sul

Fa

cor

Ter

de

Alto co

Siga-

nos



Imagem da Coleção "Infinitas repetições" (Acervo do Museu das Memórias (In)Possíveis)

Gerson Smiech Pinho (*)

Ao transitar através das galerias virtuais, somos surpreendidos a todo instante – os mais diversos testemunhos encontram-se reunidos, com cuidado e delicadeza,

em forma de textos, áudios, fotos e vídeos. Cada coleção documentada comove ao mesmo tempo que perturba. Tal é a experiência de quem se movimenta em meio ao acervo do [Museu das Memórias \(In\)Possíveis](#) do Instituto APPOA, inaugurado no último dia 22 de maio, e que já foi tema dessa coluna. Ainda que mais de duas semanas tenham transcorrido desde lá, as impressões deixadas pelo evento de abertura e pela exploração das galerias do Museu seguem reverberando.

Se o vocábulo museu reporta ao “templo das musas” – divindades que zelavam pelas ciências e pelas artes na mitologia grega – os corredores virtuais do Museu do Instituto APPOA ampliam o sentido do termo e direcionam-se em direção a passagens e paisagens bastante diversas. Ali, não se trata do registro oficial de grandes acontecimentos históricos ou de personagens ilustres, membros de elites ou detentores do poder. Ao contrário, o Museu das Memórias (In)Possíveis destina seu espaço àqueles que não têm lugar garantido na escrita da história. Em seu acervo, encontram-se abrigados vestígios e narrativas de vidas que transitam pelas margens, as quais são sistematicamente silenciadas e ignoradas.

Afinal de contas, habitamos um país no qual uma parcela expressiva da população encontra-se em situação de exclusão, sem reconhecimento enquanto agentes de discurso, relegados ao silêncio e ao esquecimento. Conjuntura herdada da hostilidade e da rejeição que, em um passado ainda recente, eram endereçadas sobretudo à massa de pessoas escravizadas. Cenário de violência que segue sendo replicado e perpetuado, fragilizando e rompendo laços simbólicos – situação a qual são submetidos aqueles que vivem às margens, independente da cor da pele, a despeito de que a grande maioria ainda seja negra.

O filósofo camaronês Achille Mbembe estabeleceu o termo necropolítica para se referir à deliberação sobre quem pode viver e quem deve morrer, quais vidas importam e quais não importam. Trata-se de um dispositivo endereçado à massa humana que habita a periferia do capitalismo, em situação de exclusão econômica e social – população considerada supérflua e descartável. O caráter mortífero da necropolítica não concerne somente a um projeto de normalização dos corpos fora da ordem, mas de seu extermínio. Nada mais atual, na conjuntura que experimentamos no Brasil de nossos dias.

Nesse contexto, o Museu das Memórias (In)Possíveis abre espaço para o registro de narrativas traumáticas e de memórias ignoradas no âmbito do discurso social hegemônico. Enquanto navegamos por suas galerias, tornamo-nos testemunhas de situações de violência e de sofrimento sistematicamente silenciadas e esquecidas. Encontramo-nos, por exemplo, com comunidades obrigadas a deixar os lugares que habitam, como é o caso de Belo Monte ou da Vila Chocolate; ou com os efeitos da Ditadura Militar ou, ainda, com os rastros deixados por uma guerra. As palavras e imagens ali musealizadas contêm preciosos registros simbólicos que, quando descobertos, proporcionam excursões por paisagens tão árduas quanto inusuais, ocultas ao olhar regular de nosso cotidiano.

Desse modo, o Museu do Instituto APPOA intervém para dar lugar a vozes silenciadas, tornando possível um espaço de inscrição para existências costumeiramente invisibilizadas, habitantes das margens do laço social. Tal projeto emerge como uma zona de ruptura, como uma estratégia de resistência no interior de um sistema perverso.

Nos tempos sombrios em que estamos imersos, observa-se um incremento do ódio, da violência e da intolerância; um apreço pelo pensamento raso e simplificador, que desvaloriza a memória e se orgulha por rechaçar e distorcer a história. Nesse contexto, temos muito a comemorar e a festejar com a inauguração do Museu das Memórias (In)Possíveis – espaço que permite encontrar uma porção de ar para respirar e tomar fôlego frente a uma conjuntura que insiste na asfixia e no >embrutecimento.

() Psicanalista, Membro da APPOA e do Centro Lydia Coriat*

As opiniões emitidas nos artigos publicados no espaço de opinião expressam a posição de seu autor e não necessariamente representam o pensamento editorial do Sul21.



Leia também



A Curva de Laffer e a teoria da austeridade: similaridades em diferentes fases do neoliberalismo (por Henrique Morrone)



Jovem Produtor Audiovisual está com inscrições abertas e gratuitas para sua 4ª edição



MPF e MPRS pedem anulação da licença para lançamento de efluentes no Rio Tramandaí

Mais lidas

- 1** Brasil tem 100 generais nomeados marechais. Coronel Ustra também ganha patente
- 2** A quem interessa as 744 expulsões de estudantes cotistas da UFRGS? (por Everaldo Oliveira)
- 3** Edegar Pretto e Onyx Lorenzoni lideram disputa para o governo do RS, aponta pesquisa
- 4** 'Tempos Modernos': trabalho alienado na Revolução Industrial
- 5** Morre, aos 78 anos, Judite Dutra

Mais recentes

- Política >** Não se faz Riviera em cima de cadáveres, diz Lula sobre fala de Trump
- Cultura >** Sessão Nostalgia abre 2025 com 'O Sexto Sentido'
- Geral >** Defesa Civil de Porto Alegre alerta para temporal nesta 5ª
- Geral >** DAER e entidades dialogam sobre manutenção de painel artístico na fachada do órgão
- Meio Ambiente >** Janeiro de 2025 foi o mês mais quente do planeta

O sul 21

Notícias

Termos de uso

Opinião

Privacidade

Especiais

Fale conosco

Democracia, diversidade e direitos: investa na produção de reportagens especiais, fotos, vídeos e podcast.

S

Assine agora

MEMBRO DA
AJOr
ASSOCIAÇÃO DE JORNALISMO DIGITAL

© 2025 | Todos os direitos reservados **sul21**